

**CONVITE PARA UMA VIAGEM COM SÉRGIO SCHAEFER**

Romar Rudolfo Beling<sup>1</sup>

Romance *Rosas do Brasil*, finalmente reeditado, dialoga com a obra de Guimarães Rosa e revela tratamento formal e temático incomum.

No universo das artes, pode ocorrer que uma obra com enorme qualidade estética cumpra trajetória silenciosa, revelando seus tesouros aos poucos que, gratificados, dela procuram se aproximar. Esse fenômeno não raro se verifica na literatura, fazendo com que um texto (ou mesmo um autor) permaneça injustamente ignorado ou esquecido, ainda que venha carregado de muita riqueza de elaboração.

Tal aspecto remete a um romance – e a um escritor – que finalmente começa a ser posicionado em lugar de destaque no conjunto dos textos referenciais da literatura sul-rio-grandense, por sua temática, por sua arquitetura interna e pelas reflexões que tende a proporcionar ao leitor. Trata-se de *Rosas do Brasil*, de Sérgio Schaefer, finalmente reeditado em 2006, em co-edição do Instituto Estadual do Livro (IEL) e da Edunisc, de Santa Cruz do Sul.

O momento é mais do que oportuno para retomar esse ótimo livro, diante das comemorações que cercaram, ao longo de 2006, os 50 anos de lançamento de *Grande Sertão: Veredas* e de *Sagarana*, obras-primas de João Guimarães Rosa. Na ficção nacional, *Rosas do Brasil* certamente constitui peça valiosa por seu *sui generis* diálogo com a obra-prima do escritor mineiro, mas sem se limitar apenas a essa manobra, assumindo antes de mais nada um discurso muito original.

O romance de Schaefer ocupa espaço muito peculiar no cenário dos romances assinados por autores gaúchos. Se não é mais conhecido, isso provavelmente não se deve a resistências de parte da crítica. Lançado em 1989, em edição conjunta do Instituto Estadual do Livro (IEL) e da IGEL, por empenho da então diretora do IEL, professora Regina Zilberman, que agora mais uma vez participa do esforço de reedição, *Rosas do Brasil* mereceu muitos elogios. Para o seu anonimato pode ter contribuído o fato de a tiragem inicial ter sido pequena. Além disso, não mereceu maior exposição na mídia; e sequer é devidamente citado por quem estuda literatura.

O mesmo desconhecimento se estende em relação ao próprio autor. Natural de Santo Cristo, no Noroeste do Estado, Schaefer reside em Venâncio Aires e atua como professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), lecionando na graduação e na pós-graduação. Antes disso, morou durante vários anos, na década de 1970, no Mato Grosso, tendo desenvolvido projetos inclusive junto a comunidades indígenas. Data desta época o início da sua produção literária.

*Rosas do Brasil*, publicado quando Schaefer e sua família já se haviam instalado novamente no Rio Grande do Sul, pode ser entendido como caso único na literatura sul-rio-grandense pelo tratamento particular dado à linguagem e a outros estatutos do fazer literário, a começar pelo narrador. Há nesse romance algo que se poderia definir como um “sabor literário” muito próprio, decorrente do tom ao mesmo tempo coloquial e poético que permeia o texto, numa ousadia formal digna dos grandes escritores. Inspirado em Guimarães Rosa, Schaefer é muito feliz na inserção de neologismos ou na criação e na recriação verbal, permitindo que seu narrador e seus personagens, à medida que avançam por novas “paisagens”, reais ou imaginárias, se maravilhem ou se impressionem com as descobertas e procurem traduzi-lo em palavras e expressões. Neste exercício, a gramática nem sempre dá conta das necessidades e precisa ser “inventada”.

Outro elemento muito rico que se evidencia em *Rosas do Brasil* é a intertextualidade, construída como uma paródia estendida para alguns textos clássicos. A primeira referência, naturalmente, é a obra de Guimarães Rosa, conversa que se estabelece já a partir do título. Em seguida, pode-se flagrar um intertexto envolvente com o Dom Quixote de Cervantes, com efeito muito inspirador. No enredo do romance, um professor de literatura, Rodovaldo, apaixonado pela obra de Rosa, que conhece em profundidade, e inconformado com o pouco espaço existente na escola para valorizar o escritor mineiro, decide largar o magistério e dedicar-se à concretização de um sonho.

Orientando-se de maneira quixotesca pelo universo literário de Rosa, Rodovaldo planeja sair em busca do que chama de “Rosamundo”, dimensão que ele contrapõe ao “rasomundo” – ou a vida real. Em sua aventura, terá a companhia de outros três personagens: a prostituta Amélia, o cego Petrônio e o negrinho Chico. Juntos, partirão rumo a um novo ambiente (algo como um segundo plano da realidade cotidiana), afastando-se do mundo real, num misto de delírio e de evasão, para mergulhar no contexto ficcional dos romances e dos contos de Guimarães Rosa.

Como diz o professor Rodovaldo, a certa altura do romance, num viés filosófico, “o Rosamundo é mais que um lugar. É uma certa consciência do mundo.” E complementa: “Por isso, por ser uma consciência de mundo, é que o Rosamundo tem que ser uma travessia”. Nisto insinua-se, talvez, um sugestivo elo da obra com a realidade histórica e existencial; afinal, a caminhada humana nunca está livre do mistério e da fantasia. É inevitável que se pense em Walter Benjamin e em suas reflexões acerca do narrador, quando lembra que a mobilidade do narrador-protagonista, ou a mudança constante de cenário, constitui aspecto essencial no romance clássico, a começar por *Dom Quixote de la Mancha*. Além disso, não se pode ignorar que as artimanhas do enredo e essa viagem exaustiva dos personagens de Schaefer proporcionam ao romance generosas pitadas de ironia, promovendo uma releitura da própria história brasileira.

O exercício intertextual é uma marca-mestra de Schaefer e aparece em suas demais obras. Antes de *Rosas do Brasil*, o autor havia publicado, em 1976, a novela *Zé Divino, o Messias*, hoje esgotada. Em 2001, lançou o romance *O Gaudério Macunaíma e a Pititinga Macia de Brunilde*, edição conjunta da Edunisc com a Mercado Aberto. Neste caso, o diálogo com outros textos transparece na retomada de um personagem popular da literatura brasileira, o Macunaíma de Mário de Andrade. Em 2005, foi mais uma vez agraciado em concurso do IEL, tendo o livro *Sombras*, sua estréia no conto, lançado pela Coleção 2000. Um dos contos desse volume, o “Vaca afetosa”, foi selecionado por Charles Kiefer para a antologia *Contos do Novo Milênio* (IEL e Corag, 2006).

Fica, assim, a sugestão de uma leitura capaz de surpreender muito positivamente, tanto o público em geral como a quem se dedica aos estudos literários. A obra de Sérgio Schaefer, com o qual os estudantes da Unisc, em Santa Cruz do Sul, aprenderam a conviver com tanta naturalidade (não raro esquecendo que a discrição daquele senhor simpático que rotineiramente circula pelas salas de aula da instituição oculta um artista merecedor de muitos aplausos), exige urgentemente ser lida e comentada. Para que se faça justiça – talvez até mesmo no conjunto da própria literatura brasileira.

## NOTA

<sup>1</sup> Mestre em Letras – Leitura e Cognição pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). romarbeling@yahoo.com.br